

As batalhas de memória no centenário de Jorge Amado

The memory battles in Jorge Amado's centenary

Carolina Fernandes Calixto

*Doutoranda do Programa da Pós Graduação em
História da Universidade Federal Fluminense
carolina_calixto@ymail.com*

Resumo: O centenário de nascimento de Jorge Amado, completado em 2012, foi um momento de grande celebração em torno da memória do escritor. Apesar disto, também se insurgiram vozes destoantes que buscaram evidenciar ambiguidades, contradições e até mesmo aspectos negativos da trajetória do intelectual. A análise destas vozes revelou disputas políticas em torno da memória de Amado, evidenciando também batalhas de memória em torno de personagens e partidos relacionados ao movimento comunista. Concluimos, com isto, que a celebração ou crítica à trajetória política e intelectual de Amado está muitas vezes condicionada à identidade de grupos, ou a certo posicionamento dos depoentes nas disputas de memória relacionadas ao movimento comunista no Brasil.

Palavras Chaves: Jorge Amado, Memória, Trajetória.

Abstract: The centenary of the birth of Jorge Amado, completed in 2012, was a time of great celebration around the writer's memory. Despite this, there were also dissonant voices that sought to highlight ambiguities, contradictions and even negative aspects of his intellectual trajectory. The analysis about these voices revealed political disputes around the memory of Amado, also showing memory battles around characters and parties related to the communist movement. We conclude, therefore, that the celebration or the criticism of Amado's political and intellectual trajectory is often related to identity groups, or to the position of the deponents in the memory disputes about the communist movement in Brazil.

Keywords: Jorge Amado, Memory, Trajectory.

Em nossa sociedade a celebração de um centenário de nascimento é sempre um momento marcante. Além das homenagens, é muito comum nestas ocasiões, especialmente em se tratando de pessoas públicas, um grande esforço coletivo de resgate ou rememoração da trajetória de vida desta pessoa. Celebra-se não só para lembrar, mas também para atualizar aquela memória frente os novos tempos, para buscar novas significações. Após a morte de Amado, certamente o segundo grande momento de reavaliação da vida e obra do romancista foi o seu centenário no ano de 2012.

Acreditamos que em momentos comemorativos, como centenários, as tensões da memória também se fazem presentes no confronto entre os diferentes discursos. Vozes se insurgem muitas vezes como forma de denúncia a versões consideradas falsas de uma história, se autoproclamando portadoras da verdade. De um modo geral são motivadas pela ameaça que certos discursos representam para memórias e identidades coletivas e individuais.

Isto ocorreu, por exemplo, no que diz respeito ao vínculo que Jorge Amado tinha com movimento comunista. Uma propaganda política do PC do B, por exemplo, provocou vivos protestos do jornalista Reinaldo Azevedo, em outubro de 2011, às vésperas do centenário. Em seu *blog*, ele afirmou que Jorge Amado, Drummond, Pagu, Portinari, Olga Benário e Niemeyer nunca pertenceram ao PC do B, tal como a propaganda política do partido da TV estaria veiculando levianamente. Uma mentira que, segundo o jornalista, já gerou justo protesto da historiadora Anita Leocádia Prestes, filha de Olga Benário e Luís Carlos Prestes (AZEVEDO, 2011: s.p.).

Deve-se lembrar que Jorge Amado foi um militante atuante do PCB quando este ainda era Partido Comunista do Brasil, tendo se desligado do partido antes mesmo da crise que levou a cisões e ao aparecimento do PC do B, em 1962. Acontece que o novo partido reivindicou para si não só a antiga legenda do antigo partido, que lhe deu origem, como também a sua memória, se colocando como seu herdeiro.

Em seu relato, Reinaldo Azevedo é categórico ao afirmar que o herdeiro do partido, fundado em 1922, era e sempre foi o PCB e não o PC do B. Por isto, considera uma fraude dizer que os nomes citados pertenceram ao segundo. O protesto citado de Anita Prestes pode ser compreendido em parte pelo fato de Prestes ter se mantido no PCB mesmo após a mudança do nome do partido. Argumento este que chega a ser

acionado pelo jornalista para justificar que o PCB é o herdeiro do antigo Partido Comunista do Brasil, já que Prestes era a figura maior da organização.

No caso de Anita Prestes, o vínculo com Luís Carlos Prestes e a sua memória pessoal e familiar ajudam a explicar o seu posicionamento neste episódio. Já Reinaldo Azevedo, jamais militou pelo PCB. Ele pertenceu a uma Organização Trotskista, a OSI, que tinha na “Liberdade e Luta” (Libelú) o seu braço estudantil. A OSI e a Libelú foram sempre críticas e opositores do PCB e de Prestes, a quem consideravam stalinistas.

Apesar disto, a tomada de posição de Reinaldo Azevedo neste debate também parece estar relacionada à memória pessoal de quem, quando jovem, partilhou da identidade comunista e desenvolveu militância (BLOGUE OS ATLÂNTICOS, 2008: s. p.). Mesmo tendo se tornado um crítico do comunismo e das ideias socialistas quando adulto, a autoridade de sua fala parece se calcar na sua atuação como militante comunista.

Observa-se que o que está em jogo é menos a memória de Amado e dos outros artistas e intelectuais citados e sim a memória dos partidos. A polêmica em torno dos referidos personagens serve então de estopim para a discussão a respeito não só da identidade formadora de cada partido, mas também da história que os envolve.

174

Outro depoimento que buscou marcar posição nas batalhas de memória, na esteira das celebrações do centenário de nascimento de Jorge Amado, foi a de Paula Sacchetta, jornalista e neta de Hermínio Sacchetta, comunista retratado no primeiro romance da trilogia *Os Subterrâneos da Liberdade*, intitulado *Os Ásperos Tempos*. Sob o título “Jorge Amado e o retrato falso de um comunista”, Paula Sacchetta publicou, no portal “Vermelho”, ligado ao PC do B, artigo sobre o modo como a imagem e a trajetória do avô foi tratada no livro de Amado. Artigo estimulado pelo relançamento de *Os Ásperos Tempos*. Iniciativa que fez parte do projeto de relançamento das obras de Amado pela Companhia das Letras como parte das ações idealizadas para celebrar o centenário de nascimento de Jorge Amado.

Tal como Hermínio Sacchetta, o personagem de Amado, Abelardo Saquila é descrito como jornalista, militante do Comitê Regional de São Paulo do partido e viveu a luta interna, acabando expulso acusado de fracionista trotskista. O que parece incomodar Paula Sacchetta na caracterização do avô através do personagem criado por Amado é o tratamento dado a ele como vilão, em contraposição a outro personagem Carlos. “Este, pintado com todas as cores do herói clássico, e baseado em Marighella,

vai tecendo teorias e desenvolvendo ações que se opõem fortemente às posições de Saquilla” (SACCHETTA, 2012: s.p.).

Como forma de neutralizar esta imagem, ela resgata elementos da história, relembrando a trajetória de Hermínio Sacchetta e as disputas internas no PCB que levaram à saída de seu avô do partido por assumir um posicionamento diferenciado da linha adotada pelo partido, sob orientação da Internacional Comunista. Destaca que o posicionamento de Amado quanto àquelas disputas político-ideológicas era a de total identificação com o stalinismo, sob orientação de Moscou, assim como o PCB. O fato de a linha trotskista ter sido renegada pelo partido, e por tabela, por Jorge Amado, justificaria, assim, a forma negativa como a figura de Sacchetta estaria representada na obra de Amado.

Paula Sacchetta considera, então, que o romance tenha pintado um falso retrato do avô comunista, argumento que se somaria a elementos de sua trajetória de intensa militância junto ao movimento comunista. Falso também porque o próprio Jorge Amado teria considerado mais tarde que, na época que produziu a trilogia *Os Subterrâneos da Liberdade*, possuía uma visão muito maniqueísta dos fatos, influenciada pelo seu posicionamento stalinista. Apesar disto, o escritor nunca teria se retratado quanto ao modo como a imagem de Hermínio Sacchetta foi veiculada em seu romance. Mesmo em sua autobiografia, *Navegação de Cabotagem*, Jorge Amado passaria ao largo da questão.

Outro agravante apontado por Paula Sacchetta é a veiculação na edição do livro em questão, de fotos de Hermínio Sacchetta e Carlos Marighella ao fim do livro. Estas fotos são acompanhadas das legendas: “Carlos Marighella, ‘incorrupível brasileiro, um moço baiano de riso jovial e coração ardente’, nas palavras de Jorge Amado, é homenageado no personagem Carlos”. E “Hermínio Sacchetta, fotografado no Deops. Um dos principais editores de *A Classe Operária*, ele aparece no romance como o jornalista Abelardo Saquila” (SACCHETTA, 2012: s.p.).

As fotos, acompanhadas das respectivas legendas reforçariam o modo maniqueísta como a trajetória destes personagens reais seriam tratadas no romance. Por conta deste retrato do avô, que considera falsificado, Paula Sacchetta faz certo apelo para que isto seja amenizado. Destaca que na folha de rosto da edição de *Os Ásperos Tempos*, há uma promessa de vincular no terceiro volume da trilogia um posfácio de Daniel Aarão Reis, onde a neta de Hermínio Sacchetta espera “uma nota explicativa contextualizando o leitor e informando-o sobre bastidores da máquina partidária cruel, a

serviço da qual Jorge Amado trabalhava” (SACCHETTA, 2012: s.p.). Ela acredita que “assim, o livro ganharia maior legitimidade como um retrato de época e gerações de leitores não seriam privadas de outra visão sobre a história do país” (SACCHETTA, 2012: s.p.).

Diferentemente de outros relatos anteriormente citados, a jornalista ressalta negativamente aspectos da trajetória de Jorge Amado enquanto escritor e militante pelo PCB, ao tomar posicionamento no campo de batalhas em favor de certa memória de Hermínio. Quanto a isto, vale a pena considerar matéria veiculada pela revista *Época* sob o título “Segredos de Jorge Amado” (BORTOLOTTI, 2013). Apesar de publicada no ano seguinte ao centenário de nascimento de Jorge Amado, parece fazer parte de um esforço desencadeado naquele momento de revisitação da obra e trajetória do autor.

Isto porque o artigo se baseia em acervos inéditos que só então foram encontrados, ou divulgados. Um deles é uma mala de documentos deixada por Jorge na Argentina, quando ele fugia da ditadura de Getúlio Vargas, entre 1940 e 1941, período em que escreveu uma biografia laudatória do líder comunista Luís Carlos Prestes. O outro é o arquivo particular de Jorge, apreendido pela polícia política na casa dele em 1948, ano em que seu mandato de deputado federal foi cassado.

De acordo com o texto, o material ajuda a entender o “o período mais obscuro” da biografia de Amado, referindo-se aos tempos de militância, a respeito do qual o autor sempre teria feito mistério. Dentre poemas, cartas, peça e rascunhos de livros e livros incompletos, a matéria destaca o sectarismo de Jorge Amado e sua fidelidade incondicional ao partido, a disciplina com que seguia as diretrizes do Partido Comunista. Aspectos que teriam marcado de maneira negativa esta fase de sua trajetória.

Quanto à sua disciplina em relação ao partido revela, por exemplo, ocasião em que Amado, à época deputado federal, chegou a andar armado com um revólver por determinação do Comitê Central, devido ao clima de tensão que se vivia na Câmara. Ressalta também a sua adoração a Stálin e a influência de sua orientação político ideológica na sua produção intelectual. Certo livro de poemas que não foi publicado, cujo título seria *Poemas do Povo*, por exemplo, teria alto teor ideológico, pregando a revolução e o engajamento dos escritores na causa comunista. De acordo com o artigo, neste projeto Amado alfinetaria um dos principais expoentes da poesia brasileira, Carlos Drummond de Andrade, além de comprar briga com todos os colegas alheios à causa da revolução.

Outro dado que demonstraria a disciplina de Amado em relação ao partido seria o abandono do romance *Agonia da Noite*, cujo título foi reaproveitado na trilogia de *Os Subterrâneos da Liberdade*. Isto porque o romance seria “militante demais” para um momento em que os comunistas se aproximaram do governo apoiando-o com a entrada do Brasil na Segunda Guerra, contra os países do Eixo (BORTOLOTI, 2013: s.p.). Ter-se-ia tornado indesejável também porque os militantes eram orientados a esquecer diferenças anteriores, para se concentrarem na luta contra a Alemanha.

De acordo com o artigo, a militância política de Jorge Amado contribuiu de duas formas para a leitura de sua obra. Primeiramente, favorecendo a sua difusão internacional. Em segundo, levantando sérias ressalvas quanto a sua independência como escritor devido à contaminação ideológica de algumas de suas obras. Para exemplificar, cita a biografia de Prestes, *O Cavaleiro da Esperança*, que conteria “inúmeras passagens que fariam qualquer biógrafo envergonhar-se” (BORTOLOTI, 2013: s.p.). Arremata o argumento citando fala do professor de literatura José Maurício de Almeida, da Universidade Federal do Rio de Janeiro segundo o qual: “Sempre que predominou o desejo de se ajustar à linha ideológica do partido, ele [Amado] fez obras menores. Do ponto de vista da criação literária, de meados dos anos 1940 até 1956 foram anos praticamente perdidos” (BORTOLOTI, 2013: s.p.). A matéria chega a afirmar que após se afastar do Brasil, Jorge “iniciou a fase de suas obras-primas, como *Gabriela, Os velhos marinheiros e Tenda dos milagres*” (BORTOLOTI, 2013: s.p.), indicando claramente que a qualidade de suas obras estava relacionada ao abandono de um engajamento político junto ao PCB.

Mais um dado que apontaria o profundo envolvimento de Amado com o partido seria um relatório da polícia política encontrado no Rio, que mostra que os espiões do governo acreditavam que as viagens do escritor para a Europa tinham fins militantes. Isto porque Amado é tratado como um emissário de Luís Carlos Prestes e do Partido Comunista para uma série de entendimentos com os dirigentes do Kominform na Bulgária, na Polônia e em Moscou. De acordo com trecho citado do relatório, acreditava-se que Jorge Amado iria se articular com elementos que, sob os auspícios diretos do Kremlin, supervisionariam a ofensiva soviética na América do Sul.

Outro material analisado é a peça de teatro inédita, intitulada *Bahia de Todos os Santos*, cuja existência teria sido negada pelo escritor ao afirmar que sua única experiência com teatro foi *O amor do soldado*. A matéria afirma que a peça inédita teria como tema a história de amor entre dois escravos e seria bastante marcada pelo viés

ideológico. Nela, Jorge tentaria associar a abolição da escravatura no Brasil a uma possível revolução comunista que libertaria todos os povos.

Sem oferecer maiores informações sobre este trabalho, o artigo veiculado em *Época* concluiu que ele serviria bem ao projeto político do Partido Comunista, já que desde a década de 1930 os comunistas tentavam se aproximar do movimento negro no Brasil. Tarefa esta abraçada pelo autor não só na sua atuação como escritor como também como parlamentar, tendo conseguido aprovar lei que legalizou os cultos religiosos de matriz africana no Brasil.

Se no caso de Renato Azevedo, seu relato se explica por certo envolvimento com a história do comunismo no Brasil, e nos casos de Olga Benário, cujo protesto foi citado por Azevedo e Paula Sacchetta o posicionamento demonstrado envolve memória familiar e testemunho pessoal, o mesmo não se pode dizer quanto às motivações e objetivos da matéria da revista *Época*. Apesar de citar falas de alguns intelectuais como forma de legitimar os argumentos apresentados, observa-se uma clara tendência em desqualificar as obras produzidas por Jorge Amado no período de militância junto ao PCB. Além disto, reduz a participação política do autor a mera subserviência deste em relação ao partido, cuja política parece ser “demonizada”.

Opera assim com certo grau de maniqueísmo que no campo jornalístico ajuda no sensacionalismo utilizado para atrair o público leitor, seduzido primeiramente pelo título da matéria: “Segredos de Jorge Amado”. Acreditamos, portanto, que, ao lado da investigação e da busca pela verdade, a matéria da *Época* tenha fortes interesses mercadológicos que comprometem a sua neutralidade jornalística. O que não significa, de modo algum, afirmar que as fontes analisadas sejam duvidosas, mas que merecem tratamento mais cauteloso até mesmo porque ainda estão sendo analisadas pelos estudiosos, tal como indicação do próprio artigo.

De todos os relatos encontrados que buscaram marcar um posicionamento nas batalhas de memória acirradas com o centenário de nascimento de Jorge Amado, certamente o mais expressivo ou simbólico seja aquele veiculado no blog da Liga Bolchevique Internacionalista (LBI). Isto porque o grupo buscou fazer uma análise detalhada de toda a trajetória de Jorge Amado, não só na tentativa de revelar “Os subterrâneos de um renegado”, como também marcar a visão do grupo quanto a acontecimentos históricos e políticos, reafirmando assim a sua identidade (LIGA BOLCHEVIQUE, 2012).

Deve-se destacar que a LBI se afirma como uma corrente em defesa do trotskismo, da luta pelo internacionalismo proletário, pela revolução socialista, sob a base da ditadura do proletariado, de acordo com os princípios estabelecidos na IV Internacional. De acordo com o grupo, a dissolução da ex-URSS, assim como a anexação capitalista da Alemanha Oriental, não foi produto da ação revolucionária das massas, e sim da contra revolução burguesa mundial. Por conta disto, caberia a todos aqueles que reivindicam o legado de Lenin e Trotsky, a luta pelas conquistas históricas da revolução (LIGA BOLCHEVIQUE, 1995: s.p.).

Esta orientação perpassa a memória acionada sobre Jorge Amado e o período em que viveu, a começar sobre a questão de Hermínio Sacchetta, anteriormente tratada. De acordo com o texto veiculado no blog da LBI, Hermínio Sacchetta também é visto como vítima da intolerância do partido por romper com as diretrizes centrais do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) e apresentar simpatias ao “trotskismo”. Quanto a isto, o grupo acredita que Amado, sendo um fiel seguidor das orientações do partido, fazia aberta campanha em defesa dos expurgos stalinistas, atacando política e moralmente vários dirigentes que rompiam com as diretrizes centrais do PCUS. A campanha contra Hermínio Sacchetta seria, então, o caso mais célebre que acabaria com sua expulsão do PCB com a ajuda da pena servil, que seria eficiente e respeitada, do escritor baiano.

Para o grupo, Amado possuía inegáveis qualidades literárias, que parecem ser identificadas especialmente no tratamento das desigualdades sociais e na edificação de heróis revolucionários como Luís Carlos Prestes. Apesar disto, acreditam que ele foi elevado pela mídia capitalista ao panteão de um dos mais importantes escritores brasileiros não somente por suas qualidades literárias. Ele teria conquistado esse *status* por romper com o comunismo ainda em vida, usando todo seu prestígio para atacá-lo violentamente do ponto de vista político e ideológico.

Se a fase de militância junto ao PCB é vista de maneira duvidosa pela subserviência identificada em Amado em relação ao Partido, é ainda creditada como positiva. No que se refere ao início dos anos 1930 até meados dos anos 1950, o período é considerado de longa e tenaz produção literária em que o escritor aborda os dramas do Brasil e tramas políticas dos coronéis do Norte e Nordeste, jogando luz nos preconceitos sociais contra mulatos, negros, mestiços, na força religiosa dos cultos afro-brasileiros e nas gritantes diferenças de classe nos seus romances. Além disto, outro elemento positivo seria o aprofundamento do realismo socialista em suas obras.

Apesar da servilidade de Amado ser vista de maneira negativa, é apontada como um fator que teria ajudado o escritor a conquistar prestígio político e cultural no partido. Prestígio este que o levou a sua candidatura e posteriormente eleição ao cargo de deputado federal na bancada constituinte do PCB, em 1945, ao lado de quadros como Marighella, Amazonas e Prestes, o que é percebido como aspecto louvável de seu percurso.

A principal divergência até aí parece recair na renegação do trotskismo por Amado e o PCB bem como o tratamento dado aos simpatizantes desta corrente. De todo modo o stalinismo seguido pelo PCB, sob orientação do PCUS, é visto como um avanço em direção à ditadura do proletariado, pelos redatores do *blog*.

Por este motivo, atitude mais grave parece ser a saída de membros do partido no contexto de divulgação dos crimes de Stálin em 1956. No caso de Amado a “ruptura” com o partido, ocorrida após o escritor tomar conhecimento destes crimes, é classificada como “clara diatribe pequeno-burguesa anticomunista, própria dos intelectuais que se acham acima da luta de classes” (LIGA BOLCHEVIQUE, 2012: s.p.).

De acordo com o artigo da LBI, o que estava acontecendo com Jorge Amado naquele momento era um processo de profunda ruptura política e ideológica com o comunismo, ao mesmo tempo em que se adaptava à democracia burguesa. Para confirmar este argumento cita frases que teriam sido ditas por Jorge Amado, em que este ataca as ditaduras de esquerda e defende a democracia como valor universal.

A crítica ao stalinismo é vista ainda de maneira mais negativa por não ter sido acompanhada, segundo o texto, por uma autocrítica do autor, por exemplo, no que se refere aos ataques desferidos a Hermínio Sacchetta. Agravar-se-ia ainda, pelo fato de Amado não ter se dedicado a colocar seu prestígio a serviço de uma construção partidária alternativa e a esquerda do PCB, como teria feito Sacchetta, um dos fundadores do Partido Socialista Revolucionário (PSR), ligado a IV Internacional, nos anos 40.

Os argumentos utilizados pelo romancista para criticar o regime stalinista são vistos como desculpa de “um Jorge Amado completamente quebrado e corrompido ao capital [que] estava se protegendo das críticas futuras quando iria se aproximar de políticos ligados à ditadura militar como Sarney e ACM” (LIGA BOLCHEVIQUE, 2012: s.p.). Isto porque, de acordo com o texto,

[Jorge Amado] chegou a ser um dos maiores “apoiadores culturais” do coronel baiano ACM, homem forte da ditadura militar no estado, que consolidou ainda mais seu poder em plena “Nova República” de Sarney, figura asquerosa que parece mais uma cópia dos arquirreacionários políticos tradicionais tão denunciados nas magistrais obras do próprio Amado (LIGA BOLCHEVIQUE, 2012: s.p.).

Assim, se em termos de literatura, o escritor ainda difundia claramente o esquema herdado do stalinismo, da ascensão da burguesia liberal contra os oligarcas mais retrógrados, na vida real isto seria diferente. Além de estabelecer relações próximas com alguns destes “coronéis”, era também celebrado pela chamada “burguesia progressista” em plena ascensão do janguismo.

No que se refere ao período da ditadura militar brasileira, a postura de Amado é vista entre o desinteresse, a alienação, a cooptação pelos meios midiáticos, e a colaboração com o regime. Colaboração devido ao apoio a figuras como ACM e por ter estabelecido uma política de relativa boas relações com o governo, que, por isso, não o incomodaram. O único posicionamento identificado de oposição ao regime é a participação de Amado em alguns movimentos contra a censura prévia de livros. Mas além deste aspecto ser visto como causa menor, a atuação de Amado é ainda posta em dúvida por ter sido desenvolvida ao lado de Érico Veríssimo, considerado um liberal, e, neste sentido, estaria do lado oposto ao dos comunistas no campo de batalhas.

A relação que é então destacada entre Amado e o regime não é a do confronto e sim a do diálogo, o bom convívio, que teria possibilitado que o escritor transitasse entre o Brasil, Argentina e a Europa livremente, ao contrário do que ocorreu com muitos comunistas que estiveram fora do Brasil exilados. Para o grupo, o escritor silenciou enquanto militantes de esquerda eram mortos, torturados e perseguidos. Neste sentido, o silêncio por si só parece ser interpretado como uma espécie de aceitação do escritor em relação ao regime e uma adequação com aquela realidade.

Adequação que se revelaria, por exemplo, na cooptação pela TV Globo para seu núcleo cultural de Amado e outros “quadros quebrados ideologicamente ligados à esquerda domesticada como o Partidão (Mário Lago, Dias Gomes...)” (LIGA BOLCHEVIQUE, 2012: s.p.). O que poderia explicar, de acordo com esta lógica, que em 1975 estrearia o maior sucesso do escritor baiano na TV: a adaptação de Walter George Durst do romance *Gabriela, cravo e canela*.

Quanto ao período da redemocratização, iniciado em 1985, a LBI considera que Jorge Amado “serviu figurativamente às oligarquias mais reacionárias e a transição conservadora que manteve a classe dominante [...] a frente da gerência do novo governo civil” (LIGA BOLCHEVIQUE, 2012: s.p.). Esta forma de participação teria sido desempenhada por ele até a sua morte em 2001, apesar de sempre proclamar que se mantinha totalmente afastado da política.

Observa-se aqui a identificação por parte do depoente, de um engajamento político de Amado ao lado das direitas, ou dos conservadores, no campo extraliterário. A produção literária desenvolvida pelo autor neste período, por seu turno, refletiria “um processo de alienação voltada para temas religiosos desvinculados de lutas sociais” (LIGA BOLCHEVIQUE, 2012: s.p.).

Ao final do artigo, fica explícito o embate direto de memória, ao qual aquele texto buscava marcar posicionamento:

Neste exato momento, o presidente do Congresso Nacional, seu “amigo” José Sarney comanda no arquivado e reacionário parlamento burguês as homenagens pelos 100 anos do nascimento de Jorge Amado e proclamou essas palavras lapidares “Jorge Amado é a mais forte presença de escritor na vida brasileira, não só por sua obra literária inigualável, mas por sua capacidade de agir para construir o bem”. A burguesia sabe homenagear aqueles que atacaram genuínos comunistas, serviram à política de colaboração de classes e colocaram sua genial capacidade artística e cultural a serviço de um “mundo de paz” para a classe dominante, enquanto povo pobre e os trabalhadores, assim como os marginalizados em geral, tão bem descritos nas obras de Jorge Amado povoam essas “terras do sem fim” vivendo miseravelmente em verdadeiros subterrâneos da barbárie capitalista! (LIGA BOLCHEVIQUE, 2012: s.p.)

O relato da LBI faz uso do debate em torno da memória do escritor para afirmar certo posicionamento no campo político. Posicionamento de combate ao capitalismo, ao Estado burguês, e de defesa da luta de classes como meio exclusivo de se chegar ao comunismo.

O engajamento intelectual e político nos discursos de memória sobre Jorge Amado foi percebido de maneira diversa em seu centenário de nascimento, gerando certa polêmica em torno de seu legado. Se se acredita que ainda pouco se sabe sobre os

tempos de militância partidária do autor, é certo afirmar que este é o período sobre o qual a participação político-intelectual do escritor é mais lembrada e debatida. Sobre esta “fase”, se defende ou se critica, por exemplo, a fidelidade partidária do escritor, a adoção do stalinismo, o exercício do cargo de deputado federal, o comprometimento político-ideológico de suas obras.

Por outro lado, observa-se que grande parte das narrativas sobre o autor acaba desconsiderando ou diminuindo a importância dos embates e dilemas vivenciados por ele, particularmente, a partir do final dos anos 1950, que certamente o influenciaram. É como se a relação do intelectual com a política inaugurada neste período não fosse importante de ser refletida, com raras exceções.

Ainda assim percebe-se que alguns discursos tenderam a ressaltar os aspectos de continuidade no percurso do autor, a despeito de qualquer contradição aparente. Este é o caso de muitos relatos que defendem a existência de uma coerência própria do escritor, ao longo de toda a sua trajetória. Uma coerência dada pelo posicionamento comunista de Amado, que, por vezes, é identificada simplesmente na atitude do autor sempre ao lado do povo, dos mais miseráveis e oprimidos, uma vez que esta postura é associada à tradição leninista e também dos *naródiniks* ou populistas russos.

Por outro lado, observa-se a existência de discursos que se baseiam nos aspectos de mudança, de descontinuidade. Dentre estes, há aqueles que interpretam positivamente o percurso do escritor de acordo com fases ou etapas necessárias de um processo de maturação intelectual, donde se inclui o seu distanciamento com o campo político. Outros percebem negativamente as transformações na literatura, nas atitudes e no comportamento político de Amado, condenando-o como oportunista, colaboracionista ou mesmo traidor.

Seja com a intenção de evidenciar a unidade ou com o intuito de destacar os aspectos contraditórios do percurso do autor, estas análises têm em comum o efeito negativo que causam ao gerarem compreensões superficiais ou simplistas da experiência política e intelectual de Amado.

A pouca importância que se dá a participação política de Amado, a partir dos anos 1960, possivelmente está relacionada a uma determinada compreensão de política. Em diversos trabalhos o que ocorre é que este tipo de atuação é percebido exclusivamente pelo viés da vinculação do autor com partido e instituições políticas, do exercício de cargo político e da produção de literatura proletária. Tendo esta perspectiva

como referência, certamente torna-se difícil pensar que Amado possa ter desenvolvido participação política após se distanciar de tais paradigmas em fins dos anos 1950.

De maneira diversa e com base nas reflexões de Norberto Bobbio, a abordagem proposta considera como política não só aquela ordinária dos políticos, mas também o “lugar para os grandes debates de ideias”, para a “reflexão sobre os problemas de convivência não imediatamente práticos, embora praticáveis [...], que todavia contribui para mudar o mundo (e não só para compreendê-lo e interpretá-lo)” (BOBBIO, 1997: 105).

Talvez seja por ignorar esta dimensão – chamada por Bobbio de “política da cultura”, pela qual os homens de cultura têm maior chance de exercer seu poder na sociedade – que as narrativas que abordam a atuação política de Amado se concentraram em um período da trajetória do autor no qual esta participação parece mais evidente. Dentre os relatos deste tipo, são expressivos em números aqueles que se voltaram para os anos 1930-1950, período em que o intelectual exerceu militância pelo PCB e se dedicou a produzir literatura proletária.¹

Outra explicação plausível para este fenômeno talvez seja a ocorrência de uma forte tendência da historiografia de se pensar as motivações para o comportamento político dos sujeitos históricos pelo viés do colaboracionismo e da resistência. No caso mais específico da historiografia relativa à Ditadura Militar brasileira, a celebração do mito da resistência, bem como salientou Daniel Aarão Reis, levou ao esquecimento de diversas culturas políticas que existiram neste contexto (REIS FILHO, 2004). Desta forma, contribuiu, em certo sentido, para o desconhecimento deste passado recente, pelo abismo que estabeleceu entre a Memória e a História, ou, por outro ângulo, pela sobreposição da primeira em relação à segunda.

As ambiguidades e contradições no pensamento e ação de Jorge Amado podem então ter sido “apagadas” de acordo com este processo de enquadramento da memória social mais amplo sobre a ditadura. Seja pelo emprego de uma acepção estreita de política ou pelos desdobramentos do mito da resistência, o que prevaleceu na memória coletiva como a única ou soberana forma de se pensar a participação política do autor foi àquela correspondente aos anos 1930-1950. Talvez seja por este motivo que em alguns esforços de memória, a atuação de Amado ao longo da Ditadura Militar é

¹ Alguns destes trabalhos são: TÔRRES, 2010; BARBOSA, 2010; TOLLENDAL, 2008; PALAMARTCHUK, 2003; ALMEIDA, 1979.

confundida com a forma pela qual o autor se mobilizou durante o Estado Novo, quando ele ainda era um militante comunista pelo PCB.²

Parece ter sido preferível manter esta imagem de Amado, tal como se vê na maioria dos discursos biográficos do que pensar os pontos dúbios que levariam a alguma aproximação do escritor com personagens, discursos e projetos identificados com o regime, como sugere, por exemplo, o relato da Liga Bolchevique Internacionalista (LBI).

Referências Bibliográficas

- AMADO, Jorge (1954). *Os subterrâneos da liberdade: os ásperos tempos*. Tomo I. São Paulo, Livraria Martins.
- AZEVEDO, Reinaldo (2011). PC do B mente na TV: Jorge Amado, Pagu, Portinari, Olga Benário e Niemeyer nunca pertenceram ao partido! É mais uma fraude! *Blog Reinaldo Azevedo*. 26 out. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/pdob-mente-na-tv-jorge-amado-drummond-pagu-portinari-olga-benario-e-niemeyer-nunca-pertenceram-ao-partido-e-mais-uma-fraude/>>. Acesso em: 05 mai. 2014.
- BLOGUE OS ATLÂNTICOS (2008). A pedido de várias famílias, 18 jan. Disponível em: <<http://atlantico.blogs.sapo.pt/949534.html>>. Acesso em: 05 mai. 2014
- BOBBIO, Norberto (1997). *Os intelectuais e o poder*. Trad. Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Unesp.
- BORTOLOTTI, Marcelo (2013). Segredos de Jorge Amado, 06 dez. Disponível em <<http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2013/12/segredos-de-bjorge-amado.html>>. Acesso em: 03 mai. 2014.
- LIGA BOLCHEVIQUE Internacionalista (2012). 100 anos do nascimento de Jorge Amado: Os “Subterrâneos” de um renegado, 10 ago. Disponível em: <<http://lbi-qi.blogspot.com.br/2012/08/100-anos-do-nascimento-de-jorge-amado.html>>. Acesso em: 05 mai. 2014.
- LIGA BOLCHEVIQUE Internacionalista (1995). Quem somos. Disponível em: <<http://lbi-qi.blogspot.com.br>>. Acesso em: 05 mai. 2014.
- REIS FILHO, Daniel Aarão (2004). Ditadura e sociedade: as reconstruções da memória. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo (Orgs.). *O golpe e a ditadura militar, 40 anos depois (1964-2004)*. Bauru, EDUSC, pp. 29-52.
- SACCHETTA, Paula (2012). Jorge Amado e o retrato falso de um comunista, 8 nov. Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id_secao=11&id_noticia=168211>. Acesso em: 02 mai. 2014.

² Em *sites* de relacionamento onde é possível constatar os embates de memória de maneira bastante aberta, percebe-se que há uma pronta recusa diante da acusação de alguns quanto a um suposto apoio de Amado em relação à ditadura. Esta recusa se respalda justamente na atuação política de Amado entre os anos 1930-1950, o que revela uma apreensão superficial sobre o papel desempenhado pelo intelectual durante a Ditadura Militar.

Artigo recebido em 1 de setembro de 2014.

Aprovado em 1 de dezembro de 2014.